

Considerações sobre a retórica de vigilância

Vanessa Cianconi Vianna Nogueira¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é mapear a retórica da vigilância nos EUA desde o século XVII até hoje, usando como base para a discussão *The Crucible*, de Arthur Miller. Miller ao escrever *The Crucible* tinha um objetivo muito além de narrar a história das bruxas de Salem e a sua relação com o macartismo. Ao traçar em cena um paralelo entre os séculos XVII e XX, Miller mostrou que a sociedade de vigilância estadunidense é ainda atual, colocando o povo daquele país em uma casa de vidro onde o controle através do medo cerceia os cidadãos da “terra da liberdade” ainda no século XXI.

Palavras-chave: caça às bruxas; política; vigilância

Walter Benjamin no ensaio “O surrealismo – o último instantâneo da inteligência Europeia” relata que, quando esteve em Moscou, ficou hospedado em um hotel cheio de monges tibetanos que tinham por hábito não trancar as portas de seus quartos, pois haviam feito um voto de nunca permanecerem em ambientes fechados. Após essa intrigante experiência, Benjamin concluiu que “viver numa casa de vidro é uma atitude revolucionária por excelência” (BENJAMIN, 1987, p. 24). Para ele, ver e ser visto o tempo todo faz parte da nossa própria existência (BENJAMIN, 1987, p. 25). No entanto, o que para Benjamin era extremamente necessário e interessante, hoje é o motivo maior do medo que permeia o mundo. O mundo do espetáculo na época em que Benjamin escreveu o seu ensaio era diferente do mundo em que vivemos hoje; ou seja, a vida no *Big Brother* do “real” do século XXI não é nada confortável. Para Sennet, em *O declínio do homem público* (1998), o significado de privacidade no mundo atual é muito diferente do que era no passado. Hoje, “as relações civilizadas entre os indivíduos só podem ter continuidade na medida em que os degradáveis segredos dos desejos, da cobiça ou inveja forem mantidos a sete chaves” (SENNET, 1988, p. 25). São segredos que estamos cientes de nunca mais conseguirmos manter. Assim, o que parecia para Benjamin ser uma atitude revolucionária mostrou-se como um jogo de controle e manipulação onde os jogadores usufruem do blefe como forma de defesa que é obviamente, contrária a qualquer revolução², já que essa atitude revolucionária perde o seu sentido quando usada como um mecanismo de controle, ou seja, como uma atividade castradora. Zygmunt Bauman, no seu livro *Globalização – as consequências humanas*, vê esse controle como uma manipulação das incertezas e acredita que essa manipulação “é a essência e o

¹ Universidade Federal Fluminense

² O termo “revolução”, à primeira vista, refere-se a toda e qualquer transformação radical que atinja drasticamente os mais variados aspectos da vida de uma sociedade. Nesse sentido, as mudanças proporcionadas por certo acontecimento deveriam ser julgadas como revolucionárias por todo e qualquer estudioso que pesquisasse um mesmo tema.

desafio primário na luta pelo poder e influência dentro de toda totalidade estruturada” (BAUMAN, 1998, p. 42). Se parássemos para analisar o raciocínio desses dois pensadores, encontraríamos uma coisa em comum: o fato de os dois acharem que a “casa de vidro” ou a “transparência” é um reflexo do crescimento das cidades. No entanto, para Benjamin a transparência era algo positivo, enquanto que para Bauman ela é algo de destruidor. De fato, quanto menores as fronteiras, maior é o medo que sentimos. Richard Sennet (1998) enxerga de forma muito clara a diminuição do espaço do homem público na sociedade norte-americana da atualidade, mostrando que esta sociedade está se voltando para dentro. Atualmente nos movimentamos aparentemente com muito mais facilidade do que no passado, no entanto essa movimentação é sempre ansiosa, já que o nosso isolamento é produzido diretamente pela nossa visibilidade para os outros, além de termos a consciência de também estarmos sendo vigiados. A tudo isso, Sennet ainda acrescenta: “a constante suspeita em relação aos outros, a intolerância face à diferença, o ressentimento com estranhos e a exigência de isolá-los e bani-los, assim como a preocupação histérica e paranoica com a ‘lei e a ordem’” (BAUMAN, 1998, p. 54), que descrevem perfeitamente o momento atual da vida na sociedade estadunidense. Mas, qual é a verdadeira relação entre a casa de vidro, a ideia de liberdade norte-americana e a necessidade que eles têm de vigiar o mundo? Aonde exatamente querem eles chegar com essa paranoia? Que tipo de liberdade (tão conclamada pelo povo em geral – *the home of the free*, diz a letra do hino americano) era aquela que o americano tinha? Conclui-se, infelizmente que, o povo que mais se vangloria de sua liberdade não a possui realmente. O conceito de liberdade para o americano nada mais é do que um conceito construído de um desejo de ser livre, mas, que, no entanto, não passa de uma fabricação. Não existe mais privacidade nos EUA, as pessoas são monitoradas 24/7 enquanto estão no país; eles realmente sabem tudo sobre você.

Desta forma, sabe-se que esse desejo de liberdade não é uma coisa atual; ao contrário, é muito mais antiga, mas da mesma forma fabricada. Ela começa com a chegada dos puritanos nos EUA, em 1620, com a ideia de criar um Éden no mundo novo. Para esses colonos a chegada nessa terra nova significava muito mais do que uma mudança; era a possibilidade de finalmente serem livres. Como a história nos mostrou, a liberdade que eles tinham era extremamente cerceada. Existia na colônia a figura da “patrulha da vigilância” que tinha como função rondar a vila e delatar quem não estivesse na casa de oração. O objetivo dessa patrulha era colocar todo e qualquer cidadão onde o pastor queria que ele estivesse – sob o seu controle. Essa sociedade puritana mantinha suas comunidades muito bem reguladas, pois ainda não existia uma real separação entre a igreja e o estado. O privado

frequentemente se tornava público e o indivíduo era considerado em relação à comunidade como um indivíduo exemplar; notadamente, no que tocava à filiação à Igreja. A conversão como regeneração era tomada literalmente como um dispositivo coercitivo, um renascimento, a adoção de uma nova identidade, como a de um fiel devotado, que, obviamente poderia ingressar na Igreja. A ideia de povo escolhido também traz consigo uma outra implicação. Pensar em si mesma como uma sociedade predestinada por Deus lhe confere um grau de superioridade frente ao resto da humanidade. Essa sociedade pura e justa, que estava sendo construída nas colônias da América, era pensada como o exemplo da humanidade, o ideal que todas as demais sociedades deveriam (e iriam naturalmente desejar) seguir um dia. No entanto, em 1692 se perde todo esse controle, surgindo então um dos mais famosos episódios de caça às bruxas da história do país, o episódio da vila de Salém. E é baseado nesse episódio horrível que o dramaturgo Arthur Miller construiu a sua maior crítica ao governo dos EUA. Na década de 1950, o senador Joseph McCarthy, com a ajuda da mídia, iniciou uma grande caça aos pretensos comunistas que estariam em ação nos Estados Unidos. Para convencer os cidadãos norte-americanos da legitimidade de sua ideia, Truman, aconselhado por seus assessores que ele deveria “espantar o diabo do país” [existe uma expressão em inglês que é: *to scare the hell out of sth/someone*, que significa assustar demais alguma coisa ou alguém], em suas declarações no final dos anos de 1940 e início dos anos de 1950, dizia que havia uma desavença entre o “mundo livre” e o mundo comunista. Desta forma, ele criou uma nova caça às bruxas, já que, para os estadunidenses, a partir de então, se alguém não fazia parte do “mundo livre”, ou seja, os EUA e todos que o apoiassem, era comunista, logo, o outro, o diferente, o mau. Há, então, conexões que podem ser feitas entre o que acontecia em 1692, na década de 1950 e no pós 11 de setembro de 2001, quando todos que fossem muçulmanos viraram automaticamente terroristas de forma indiscriminada. É interessante notar como os EUA conseguem manipular os outros em detrimento de seu interesse próprio fabricando consentimento, isto é, fazendo as massas acreditarem que realmente não existe outro meio além de declarar guerra contra o terrorismo e, claro, pela maneira como Arthur Miller construiu a sua obra em cima de alicerces interessantíssimos, a ligação entre os anos de 1950 e a caça aos comunistas, bem como entre o século XVII e a caça às bruxas.

Miller acreditava que a função primordial do que escrevia era engajada, ou seja, sua obra deveria fazer parte de um movimento político mais abrangente e ter como enredo principal questões morais durante regimes de forte repressão política. Ele acreditava que podia afetar plateias interessadas e receptivas a ideias de mudança e progresso. Dessa forma, a ideia de juntar a sociedade vigiada do

século XXI, com essas outras sociedades tão vigiadas quanto é perfeita, pois assim podemos ver o risco que é morar na casa de vidro e lá, ver, e ser visto o tempo inteiro.

Arthur Miller, ao escrever *The Crucible*, fez mais do que simplesmente representar a época conturbada que foi o macarthismo na década de 1950. Miller transportou para sua obra todo o ideal de uma sociedade que, apesar de parecer rudimentar, era calcada na vigilância de seus cidadãos e, repetidamente (como durante a época de Truman e de Bush Filho) vigiava e controlava a tudo e a todos. A patrulha da vigilância da antiga Salém não escondia o seu objetivo real: manipular e cercear qualquer pessoa que não estivesse padronizada dentro do formato pré-estabelecido por aquela sociedade. Isto é, qualquer um que ousasse sair para o *wilderness*, e, por conseguinte, conseguisse enxergar além daquele olhar confinador e, antes de tudo, manipulador e propagandístico que os impedia de viver. A sociedade dos anos de 1950 ecoava demais os acontecimentos da vila de Salém no século XVII. Miller percebeu que a patrulha da vigilância que rondava a vila tomando conta de quem não estivesse na casa de oração tinha a mesma função que o HUAC (comitê para investigação de atividades anti-americanas) na década de 1950, isto é, controlar quem estivesse fora de seu lugar, ou seja, qualquer cidadão que não estivesse onde o governo quisesse que ele estivesse. Aqui a ideia de manipular através da propaganda é muito forte. O ambiente invasivo da vila de Salém, que misturava o público e o privado, é facilmente recuperado nas sociedades dos anos de 1950 e na do século XXI. Até ano passado víamos Bush Filho, como Parris e McCarthy anteriormente, amedrontar a população com a ideia de um risco iminente de qualquer ataque terrorista. E essa ameaça se estende a quem os norte-americanos acreditam ser terroristas, ou seja, o “outro”, que não pertence ao padrão de conduta esperado dentro da sociedade totalitária estadunidense. Ou seja, a constante suspeita em relação aos outros, a intolerância face à diferença, o ressentimento com estranhos e a exigência de isolá-los e bani-los, assim como a preocupação histórica e paranóica com a ‘lei e a ordem’.

No dia 12 de setembro de 2001 todos os jornais dos Estados Unidos da América divulgaram, com horror, a mesma notícia: o ataque ao World Trade Center. A forma de noticiar era diferente, no entanto: quase todas as manchetes dos vários jornais da nação tinham em comum duas palavras: *evil* (mal) e *attack* (ataque). Nesse dia, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, em sua declaração à nação afirmou: “Today, our nation saw evil” (“Hoje a nossa nação viu o mal.”) Cinco anos mais tarde, diretamente da Casa Branca, o presidente reafirmou que em 11 de setembro de 2001 os Estados Unidos da América presenciaram o Mal. O que realmente levou o presidente norte-americano a afirmar tão veemente que os EUA viram o mal? Por que a “liberdade americana” estava sendo atacada?

Hoje os norte-americanos vivem confinados neles mesmos, a sociedade disciplinadora da atualidade não é mais como Foucault a descrevia, pois não precisamos estar na prisão, ou em qualquer outro lugar de natureza confinadora, para nos sentirmos presos. A sociedade de controle, segundo Gilles Deleuze, não funciona mais por confinamento, mas por controle contínuo e por comunicação instantânea. O problema é que não há como negar que o controle gera confinamento: o indivíduo não sabe quem o está olhando, muito menos quando o estão olhando. Na verdade, ao contrário do que afirma Deleuze em seu livro de entrevistas *Conversações*, a sociedade de controle é tão confinadora quanto a sociedade disciplinadora de Foucault. Voltamos sempre ao mesmo ponto: quanto maior o controle, maior o confinamento; logo, mais forte é a disciplina imposta a nós. Dessa forma, vivemos com medo desse controle, pois não sabemos como agir. Antes, tínhamos medo de nos comportarmos mal e acabarmos na prisão; hoje, como somos vigiados o tempo inteiro e estamos conscientes disso, continuamos com medo pois, independentemente, do que possamos vir a fazer, estamos presos na nossa própria liberdade dissimulada. Podemos agora pensar que o medo que sentíamos do que vem de fora é diretamente proporcional ao medo que sentimos do que já está dentro. Zygmunt Bauman, em entrevista publicada no caderno “Prosa e Verso” do jornal *O Globo* intitulada: “O Mundo, e o Medo, Segundo Bauman”, em 23 de fevereiro de 2008, concorda que “o que dá medo é o anormal, o fora do comum, o inesperado, o sem-razão: as mesmas qualidades que caracterizam o ‘injusto’”. Mas Bauman está consciente de que essas “medidas de segurança” que [os estadunidenses] experimentam onde quer que estejam criam uma atmosfera de ‘fortaleza sitiada’ e um estado de emergência – causas de medo mais formidáveis do que o ato terrorista que os originou”.

Podemos, desse modo, estabelecer uma analogia: da mesma forma como a igreja e a lei eram uma só coisa naquela sociedade teocrática de então, o político e o policial se misturam na sociedade estadunidense contemporânea, na forma de vigilância (*surveillance*), fazendo parte da tática “preventiva” do atual governo dos EUA contra o “eixo do mal” do Oriente, por exemplo.

Em 1785 o filósofo Jeremy Bentham, fundador da doutrina do Utilitarismo, começou a trabalhar com um modelo de prisão chamado Panóptico. A idéia principal era que toda e qualquer cela individual poderia ser vista de uma torre de observação principal que permaneceria invisível para os prisioneiros. Como eles nunca poderiam ter certeza se estavam sendo vigiados, tinham que assumir que o estavam. Ou seja, a observação real foi substituída pela possibilidade de eles estarem sendo vigiados. Bentham partiu do princípio de que isto faria com que os delinquentes evitassem cometer qualquer tipo de infração: a fim de evitar a punição, eles iriam internalizar, de fato, o olhar disciplinador. Em 1975, o

conceito do panóptico foi reintroduzido pelo filósofo francês Michel Foucault, que insistiu no papel exemplar como um modelo de construção do poder que ele chamava de “sociedade disciplinadora”. Para Bauman, o propósito do modelo panóptico estendido à sociedade como um todo, era “manipular conscientemente e rearrumar intencionalmente a transparência do espaço como relação social – como, em última instância, uma relação de poder”. (BAUMAN, 1998, p. 41) No entanto, como o modelo panóptico era criado em espaço artificial, não somente o custo seria muito alto, mas também ainda não existia tecnologia avançada o suficiente para mapear o mundo de forma “artificial”, isto é, criar um espaço funcionalmente impecável para suprir os objetivos do Estado. O objetivo “não era apenas traçar mapas elegantes, uniformes e uniformizantes do território do Estado, mas remodelar o espaço fisicamente segundo o padrão de elegância até ali alcançado apenas pelos mapas desenhados e armazenados no escritório cartográfico.” (BAUMAN, 1998, p. 42) O território, então, deveria ser um reflexo transparente do Estado e, a partir de então, esse espaço controlado do panóptico se transformou em sinônimo das culturas e práticas da vigilância que marcam profundamente o mundo moderno. É curioso assinalar, ainda, segundo Zygmunt Bauman, que de início a necessidade de unificação do espaço e a batalha do Estado moderno pela soberania de seus poderes fez com que o Estado passasse a controlar seus agentes reguladores, principalmente o ofício de cartógrafo. O objetivo era encontrar um local de referência de um ponto no espaço que não parecesse indomável para as autoridades. Ou seja, controlar o mapa - como em um jogo de tabuleiro -, se levarmos em consideração que um mapa nada mais é do que um desenho em um tabuleiro que representa o mundo. O objetivo final desse jogo, infelizmente, seria “conquistar o mundo”. Deleuze também corrobora essa idéia quando fala sobre a noção de diagrama em *Vigiar e Punir* de Michel Foucault. Para ele, esse diagrama é “o mapa, a cartografia, a exposição das relações de força que constituem o poder”. (DELEUZE, 2007, p. 115) E o poder é o modo de alcançar o objetivo final da sociedade de controle.

Hoje, o controle social constituído basicamente pela *dataveillance* (vigilância de dados), proveniente de uma nova política de proteção, se reflete em um desenho que se transformou em modelo de um regime social de poder no século XXI. As consequências sociais e políticas de uma cultura vigiada, ou a vida na casa de vidro, refletem no panóptico de Bentham um modelo para controlar, cercar e intimidar a população, evitando, dessa forma, qualquer possibilidade de ameaças à sua liberdade. Mas, como afirmou Hobsbawm, em entrevista ao jornal *O Globo*, em 24 de novembro de 2007, a restrição dos direitos individuais só é justificável quando não há abuso de poder. De fato, sabemos que isso não é verdade no caso da política norte-americana. Chomsky nos lembra que

“controlar a população sempre foi uma preocupação constante do poder e do privilégio” (CHOMSKY, 2004, p. 5) Walter Lippmann também concordava que o “público precisava ser colocado em seu lugar” (CHOMSKY, 2004, p. 5), para que, através da “indústria do consentimento” a democracia fosse alcançada. A cultura puritana dos EUA hoje ecoa essa prática preventiva de vigiar, e dessa forma evitando, dessa forma, qualquer possibilidade de ameaças à sua liberdade.

A sociedade de controle, então, seria marcada pela interpenetração dos espaços, por sua suposta ausência de limites definidos e pela instauração de um tempo contínuo no qual os indivíduos nunca conseguiriam terminar coisa alguma, pois estariam sempre atados à sua condição de prisioneiros em campo aberto. O sentido de vigilância, então, sofre uma modificação, quando passa da sociedade disciplinar à sociedade de controle. Na primeira, a ideia de vigilância remetia ao confinamento e, portanto, à situação física que caracterizava as preocupações dessa sociedade. O problema era o movimento físico dos indivíduos, seu deslocamento espacial. Agora, vigiar passou a significar, sobretudo, interceptar. O que parece interessar, acima de tudo, é como cada um se movimenta no espaço informacional. O *tracking* generalizado nos coloca novamente no meio do panóptico. Todos nós podemos, hoje, de certa forma, seguir os passos de todos. O projeto americano TIA – *Total “Terrorism” Information Awareness* – propõe abertamente capturar qualquer informação sobre as pessoas. Dessa forma, o governo poderia rastrear terroristas potenciais e criminosos envolvidos em tipos de crimes contra o Estado de difícil detecção.³ O objetivo básico do projeto é auxiliar analistas a compreender e mesmo prever uma ação futura, no caso uma ação terrorista. Mas o mais importante é que, diferentemente da estratégia de interceptação de mensagens no Echelon, criado pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos, que é um sistema global de espionagem que hoje tenta capturar e analisar virtualmente todos os telefonemas e mensagens enviados de qualquer ponto do planeta, onde o que se procura de forma direta são conteúdos específicos associados a pessoas específicas, no TIA o processo seria em princípio indireto, pois é pelo negativo dos padrões que se intercepta um comportamento suspeito. E com a implantação de um tal projeto, chegamos definitivamente na modulação contínua da sociedade de controle de que nos fala Deleuze, pois deixamos de olhar para as informações como associadas a indivíduos, e sim como relacionadas entre si dentro de um quadro maior.

Miller, em sua peça, nos lembra a preocupação maior da sociedade teocrática da pequena

³ Ver dois *sites* importantes para informações sobre as ações de controle dos EUA: <<http://cryptome.org>> e <<http://www.epic.org/privacy/profiling/tia/>>.

Salém: tomar conta da vida alheia. Vale lembrar que Salém era dividida na Cidade de Salém e na Vila de Salém, que, apesar de serem unidas politicamente, não o eram do ponto de vista religioso. Para os puritanos, viver em comunidade significava ser uno sob os olhos de Deus, logo, as regras precisavam ser obedecidas para que ninguém escapasse do rebanho. Miller exemplifica isso muito bem com a preocupação do reverendo Parris em vigiar e controlar todas as pessoas de sua comunidade, principalmente a sua família. Ironicamente, a sua filha foi uma das meninas que dançaram na floresta. Sabemos que esse controle, como ainda é feito na sociedade atual, foi exercido através do medo, e é esse medo que nos enclausura. A manipulação anunciada na peça mostra, sem sombra de dúvida, o que Miller pretendia demonstrar: a vigilância, as acusações infundadas e, acima de tudo, a incrível capacidade do ser humano de prejudicar o outro por interesses próprios. Para Elisabeth Rudinesco, professora da Universidade de Paris VII, em entrevista ao “Prosa & Verso” no dia 28 de junho de 2008, uma sociedade que se dedica a “um tal culto à transparência, à vigilância e à abolição da parte maldita é uma sociedade perversa”. Segundo ela, por causa da sua origem puritana, para o povo dos EUA todos os erros têm que ser mostrados e as pessoas têm que pagar por eles. Como tudo tem que ser transparente, cria-se uma verdadeira caça às bruxas, uma perseguição à perversão onde ela não existe. Essa perversidade da sociedade estadunidense se esconde por trás de um totalitarismo disfarçado. Temos consciência de que a propaganda faz o povo acreditar que se está fazendo o bem quando, na verdade, se está fazendo o mal, isto é, há uma inversão do bem e do mal e tudo é feito em nome de Deus ou de Alá. O fanatismo doentio que leva o povo dos EUA a acreditar que está salvando o mundo acha-se intimamente ligado ao sentido de *self-righteousness* que é imbuído desde sempre no seu caráter. No entanto, a sociedade moderna sofre com uma falta de discernimento muito grande, logo, qualquer pessoa que, com uma convicção muito grande, apresentasse uma inabalável certeza, não perderia imediatamente o prestígio, não importando quantas vezes ela tivesse demonstrado o seu erro. E é isto que temos visto hoje na sociedade estadunidense, bem como na política bélica do antigo governo de George W. Bush: uma sucessão de erros e uma fila de seguidores fiéis que são incapazes de entender o que está acontecendo em sua sociedade. Segundo Hannah Arendt, nos países totalitários a propaganda e o terror parecem fazer parte da mesma moeda. Além disso, não apenas toda a propaganda política, mas também toda a moderna publicidade de massa contém um elemento de ameaça. (...) Somente quando o terror objetiva coagir não apenas de fora mas de dentro, quando o regime político quer mais do que poder, somente então o terror precisa de propaganda. Até o ano passado isso era bem claro na sociedade estadunidense: a propaganda feita pelo governo para encontrar uma saída plausível

para o terrorismo não declarado serve não só para convencer os norte-americanos de que eles estão sendo ameaçados, mas, também para convencer o resto do mundo de que os EUA são as maiores vítimas, quando são eles que na verdade aterrorizam o mundo. No entanto, essa propaganda, do mesmo modo que o conceito de liberdade, é um construto. A propaganda despreza os fatos em si, pois, de fato, o que é importante é o poder do homem que os inventa, pois somente num mundo inteiramente sob seu controle pode o governante totalitário dar realidade prática às suas mentiras e tornar verdadeiras todas as suas profecias. Levando em consideração a possibilidade de essas profecias serem também ficcionais, como é o movimento totalitário, só é aceito quem estiver do nosso lado, vide os discursos de Parris, de McCarthy e de Bush Filho. Desta forma, citando Arendt: “a propaganda totalitária cria um mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado”. O falso mundo de coerências é mais facilmente aceito pela mente humana do que a própria realidade, a força da propaganda totalitária extrai de seus próprios pontos fracos o elemento de veracidade e experiência real de que necessitam para transpor o abismo entre a realidade e a ficção.

Concluindo, se liberdade é realmente uma ficção, não há como escapar às sociedades de vigilância e de controle. Vivemos, sim, dentro de uma casa de vidro e, por isto, somos vistos por todos os lados. Logo, quando vivemos em uma sociedade de controle, vivemos em uma sociedade fictícia, criada por mecanismos informatizados de controle que nos colocam dentro da sociedade de vigilância. No entanto, essa sociedade nada mais é do que o nosso próprio mundo imaginado, a nossa sociedade do espetáculo silenciada pelo nosso próprio medo de nela viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca da Política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores: 1999

_____. *Globalização: As Conseqüências Humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998

_____. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores 2006

_____. O Mundo, e o Medo, Segundo Bauman. *O Globo*, 23/02/2008, Prosa e Verso, p. 1.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. (*Obras escolhidas*; vol. I).

_____. *O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BENTHAM, Jeremy. M. Bozovic editors. *The Panopticon & other Prison Writings*. New York: Verso, 1995: 31-50

BERCOVITCH, Sacvan. *The Puritan Origins of the American Self*. New Haven, Yale University Press, 1975.

BRAINWASHING AMERICA. Disponível online em <<http://www.hermes-press.com/brainwash1.htm>> acessado em 23/02/2008.

CENTOLA, Steven R. and MARTIN, Robert A., eds. *The Theater Essays of Arthur Miller*. New York: Da Capo, 1996

CHOMSKY, Noam. *Hegemony and Survival: America's Quest for Global Dominance*. UK: Penguin Books, 2004

CNN. Disponível online em <www.cnn.com>, acessado em 23/02/2008.

CRASNOW, Ellman & HAFFENDEN, Philip. "New Founde Land" in *Introduction to American Studies*, eds. Malcom Bradburry and Howard Temperley. London and New York: Longman, 1981

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Editora 34: São Paulo, 2007

FORD, Boris, ed. *The New Pelican Guide to English Literature*, vol. 9. (American Literature). London & New York: Penguin, 1991

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História e Violência nas Prisões*. Trad. Raquel Ramalhete. 34 ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

JUNQUEIRA, Mary A. Estados Unidos: A Consolidação da Nação. TORRES, Sonia, org. *Raízes e Rumos – Perspectivas Interdisciplinares em Estudos Americanos*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2001.

MILLER, Arthur. *The Crucible*. New York: Penguin, 1985.

NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1967, 1973, 1982.

O GLOBO. “O Mundo, e o Medo, Segundo Bauman” (23 de fevereiro de 2008), *In: Prosa e Verso*, p.1

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ABSTRACT: The aim of this paper is to map out the rethorics of surveillance since the 17th century until now, using Artur Miller's *The Crucible* as a backdrop. Miller, when he wrote *The Crucible*, had an aim beyond narrating the Salem witches trials in the 17th century and its relations to maccarthism. While making a parallel between the 17th, and the 20th centuries, Miller showed that America's surveillance society is still current nowadays since it places its people in a glass house where control through fear surrounds the citizens of the “land of the free” in the 21th century.

Keywords: witch-hunt; politics; surveillance